

UMA PROPOSTA LÚDICA PARA A INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CRESPO, Patrini Alecrim¹

RA: 52302427

MASSON, Ana Cláudia Tófolli de Araújo²

RESUMO

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, onde os dados presentes foram coletados em banco de dados *online* e livros de diversos autores, com o objetivo de apresentar, de forma sintetizada, a inclusão escolar de crianças portadoras de autismo na educação infantil utilizando o trabalho lúdico. Diante do mencionado propósito, se faz necessário um breve estudo sobre as peculiaridades do autismo, compreendendo como uma criança autista se desenvolve. Logo, será abordado sobre a ludicidade utilizada no processo de ensino e aprendizagem, a qual deve estar relacionado com as propostas de trabalho da escola inclusiva, tendo como participação a família, visto que esta relação é necessária para que a criança se desenvolva de forma saudável e adequada. Enfim, tal pesquisa se faz importante na medida em que visa contribuir para a inclusão escolar adequada, apontando dados positivos sobre o uso da ludicidade dentro processo de inclusão e os trabalhos realizados para alcançar tais resultados.

Palavras-chave: Inclusão escolar. Autismo. Educação Infantil. Ludicidade.

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que a aprendizagem ocorre na criança não somente a partir de práticas formais de ensino, mas também através da observação de tudo o que ocorre ao seu redor, principalmente pelo comportamento dos pais e professores (PASTORELLO, ANGELO E TORRES, 2015). Assim, na educação infantil são utilizados diversos métodos no processo de ensino e aprendizagem, destacando-se como primordial o trabalho lúdico que favorece o aprendizado da criança, considerando que ela aprende enquanto brinca.

¹ Graduanda do Curso de Enfermagem da Faculdade Santa Maria da Glória (SMG) de Maringá. E-mail: patrinicrespo60@gmail.com

² Graduada em Psicologia pela Uningá. Especialista em Psicopedagogia Institucional pela UniCesumar. E-mail: anatofoli@hotmail.com

Desta mesma forma ocorre também com as crianças portadoras de autismo. Tal transtorno foi descrito pela primeira vez pelo médico austríaco Leo Kanner e, atualmente, está contido na categoria dos transtornos globais do desenvolvimento. Tem como principais características as seguintes dificuldades: comportamento com padrões restritivos e repetitivos nos interesses e atividades, comunicação e interação social. Desde a sua primeira descrição foram citados sinais muito precoces como: falta de contato ocular e movimentos antecipatórios. No entanto, sua etiologia ainda não é totalmente conhecida e seu espectro ainda é muito heterogêneo em relação aos quadros clínicos e sinais comportamentais.

Para tanto, o presente estudo busca compreender o autismo em seus diferentes enfoques, identificando as possibilidades do trabalho lúdico precoce, como forma de favorecer o desenvolvimento da aprendizagem satisfatório para a criança autista e posteriormente apresentando uma proposta prática desse trabalho a partir da ótica da inclusão escolar.

Para a realização deste artigo, o método utilizado foi a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, p.44), “[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Os critérios de inclusão e exclusão nesta pesquisa foram orientados a partir da opção de estudar sobre o autismo, assim, tendo a pesquisa sendo feita na plataforma do Google Acadêmico, encontrou-se aproximadamente 8.400 artigos e utilizados neste trabalho apenas 4 que abordam questões sobre o desenvolvimento da criança autista; a partir deste delineamento, optou-se em estudar sobre a inclusão escolar deste público, onde foram localizados cerca de 15.000 artigos científicos sobre inclusão escolar, porém apenas 1 documento foi selecionado devido ao assunto deste estar relacionados com a legislação brasileira de educação e ser a base das propostas pedagógicas das instituições de ensino; já sobre educação infantil foram identificados 15.000 documentos na base consultada, sendo somente 1 aproveitado por conta de estar focado ao trabalho lúdico na educação infantil, proposta desta pesquisa; com a palavra-chave ludicidade localizou-se 4.700 documentos, no entanto o mesmo artigo localizado com a palavra-chave educação infantil e selecionado para esta pesquisa, foi encontrado nesta lista. Logo, os critérios de inclusão e exclusão foram definidos a partir da proposta do trabalho em abordar conteúdos

bibliográficos sobre o trabalho lúdico na educação infantil com crianças autistas, dentro da ótica da inclusão escolar.

Assim, na primeira parte será traçado apontamentos teóricos sobre as peculiaridades do autismo, compreendendo como uma criança autista se desenvolve; na segunda parte serão abordados conteúdos sobre a importância do trabalho lúdico no desenvolvimento da aprendizagem, em busca de compreendê-lo como uma prática pedagógica de ensino. Logo, na terceira parte, será feito um levantamento para identificar as diferentes formas de trabalho inclusivo com crianças autistas na educação infantil envolvendo a ludicidade, buscando auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem saudável e objetivando alcançar o desenvolvimento cognitivo, sociocultural e emocional destes alunos, considerando o estudo de diversos materiais. A seguir, encerra-se esta pesquisa com breve conclusão sobre os estudos abordados.

2 O AUTISMO: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS E DIFICULDADES

O autismo foi descoberto por Leo Kanner, o qual desenvolveu um extenso trabalho na descrição da patologia em 1943, Kanner procurou em suas publicações definir de forma pormenorizada as características do distúrbio autístico do contato afetivo, como era chamado, classificando-o como alterações no contato afetivo (RIVIÉRE, 1995, p. 272).

Rivière (1995, p. 273) aponta como características o seguinte:

[...] um quadro de distúrbio do desenvolvimento caracterizador por: 1) incapacidade para estabelecer relações com as pessoas, 2) um amplo conjunto de atrasos e alterações na aquisição e uso da linguagem, e 3) uma 'insistência obsessiva' em manter o ambiente sem mudanças, acompanhada da tendência a repetir uma gama limitada de atividades ritualizadas.

Quando o assunto é autismo, a severidade dos sintomas são variáveis de indivíduo a indivíduo, entretanto havendo padrão em relação ao desenvolvimento do quadro geral da síndrome. Fisicamente o autista não apresenta alterações claras, porém, a estereotipia do mesmo pode acarretar a uma série de dificuldades em seu dia a dia, por exemplo, o autista possui uma característica peculiar de balançar as mãos, se auto balançar, sente fascinação ou irritação por ruídos específicos, movimentos rituais complexos, insistência na

repetição de ações em sequência, preocupação excessiva com conteúdo intelectuais, o que o leva a um campo restrito de interesses e a determinada necessidade de suprir com seus rituais (RIVIÉRE, 1995, p.280).

Em relação aos distúrbios que o autista pode apresentar Lampréia (2004) discorre que autistas apresentam problemas no desenvolvimento linguístico e de comunicação não verbal, dificuldades na interpretação de gestos e expressões faciais, podendo ainda, estes modos de comunicação, serem totalmente ausentes. Buscando se aproximar de uma caracterização do indivíduo autista Rivière (1995, p. 277) destaca o “isolamento e indiferença em relação às outras pessoas; falta de interesse por aspectos puramente sociais de interação”.

Desta forma, é possível compreender diante dos apontamentos teóricos as diversas peculiaridades do autista, assim será abordado no próximo tópico como o trabalho lúdico pode favorecer no processo de aprendizagem das crianças portadoras de autismo.

2.1 A LUDICIDADE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

O trabalho lúdico vem sendo utilizado como uma boa estratégia na educação infantil considerando suas vantagens em relação aos estímulos para o desenvolvimento cognitivo e da aprendizagem de uma criança, auxiliando-a na promoção das capacidades de atenção, memória, percepção, sensação e todos os aspectos básicos relacionados à aprendizagem. Para que este trabalho reflita positivamente no aprendizado, a escola e os educadores são os responsáveis por direcionar as atividades de forma que uma brincadeira livre provoque uma interação social entre os alunos auxiliando na desenvoltura de suas habilidades intelectuais, presumindo assim um trabalho pedagógico (DIAS, 2013).

Assim, o trabalho lúdico ofertado às crianças autistas também visa muitos benefícios para seu desenvolvimento, porém, exige maior mediação do outro (familiares/professores) para que este processo ocorra de forma adequado.

Silva (2013) afirma que a ludicidade deve ser utilizada diante do diagnóstico precoce, onde podem ser utilizados jogos, brinquedos e brincadeiras para tornar prazeroso o desenvolvimento da aprendizagem das crianças com autismo.

[...] o lúdico também ajuda a contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento, tanto na parte intelectual, física dessas crianças, ou seja, as brincadeiras não são apenas diversão, como também informações, conhecimentos para o desenvolvimento das mesmas, ajudando na concentração e aptidões (SILVA, 2013, p.4).

Desta forma, o autor destaca alguns benefícios gerados pelo uso das brincadeiras, como também sobre a participação dos adultos junto às crianças autistas, tornando assim importantes ferramentas lúdicas no desenvolvimento psicomotor, social, afetivo e cognitivo.

Tendo em vista às dificuldades nas relações sociais e na comunicação verbal e não verbal, o trabalho lúdico com crianças autistas exige uma preparação dos profissionais como também dos familiares destas crianças para que seja atingido o objetivo desejado que é o próprio desenvolvimento global (SILVA, 2013, p.5).

Portanto, no próximo tópico será ampliado o entendimento sobre a prática pedagógica, pautada pela escola inclusiva, reproduzida através do trabalho lúdico com crianças autista, objetivando o desenvolvimento da aprendizagem das mesmas.

2.2 A LUDICIDADE COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA INCLUSIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS AUTISTAS

Fernandes (2011) afirma que a educação especial pode ser ofertada através de recursos e serviços especializados, possibilitando a aprendizagem e a participação dos alunos em diversas atividades propostas, desde que respeitadas suas limitações.

Desta forma, o BRASIL (2010) aponta para a importância do movimento das políticas públicas inclusivas, em busca do acesso aos serviços e recursos pedagógicos e de acessibilidade nas escolas regulares, buscando extinguir a discriminação e a segregação, a partir de um modelo pré-existente de escolas e classes especiais. Assim, “[...] os sistemas de ensino modificam sua organização, assegurando aos alunos público alvo da educação especial a matrícula nas classes comuns e a oferta do atendimento educacional especializado” (BRASIL, 2010, p. 3).

Para trabalhar com crianças autistas, necessariamente o professor precisa estar preparado pessoal e profissionalmente, reconhecendo a “importância do seu papel para que esse processo seja significativo” (MORAES, 2015, p. 193).

Dentro desta ótica, considera-se primordial a tomada de consciência dos profissionais que estarão em contato com a criança autista, reconhecendo suas necessidades peculiares, “para a melhor interação professor-aluno é preciso desenvolver algumas habilidades para que o processo de aprendizagem ocorra” (MELO, 2003 apud MORAES, 2015, p. 193).

Visando que a criança autista se sinta confortável no ambiente escolar e que realmente ocorra seu desenvolvimento esperado, o autor destaca que:

[...] todos os recursos são válidos, desde que proporcionem a potencialização de suas capacidades e habilidades. A primeira atitude aconselhada é levar a realidade até a coordenação da escola, em segundo plano realizar uma reunião com o corpo docente, coordenação e pais dos alunos e, posteriormente, organizar-se pedagogicamente para atender esse aluno (MORAES, 2015, p. 193).

Assim, as intervenções pedagógicas realizadas pelos professores, devem ser imbuídas de diferentes recursos, tanto visuais como concretos, sempre utilizando um discurso fonético claro e objetivo e respeitando o tempo do aluno com autismo, fazendo as adequações necessárias no ambiente em que será inserido (MORAES, 2015, p. 192).

[...] o professor deve ajudar seu aluno a lidar com o controle restrito de estímulos, em que um estímulo é percebido e o outro é desprezado, e com a teoria da coerência central, em que a criança autista apresenta falhas na coerência central, ou seja, acaba preocupando-se mais em detalhes do que no contexto geral, assim o professor deve auxiliar seu aluno fazendo com que perceba a noção de totalidade ao invés de prender-se a detalhes e fragmentações (MORAES, 2015, p. 192).

A partir desses apontamentos, fica claro e evidente a importância da mediação do professor com o aluno autista e muito mais ainda sua preparação para tal trabalho, o qual requer mais tempo e estratégias diversificadas para se ter êxito.

[...] é preciso colocar-se no lugar do aluno e propor atividades concretas, ensiná-lo a fazer a sua leitura de mundo, fazer orientações simples, objetivas e fragmentadas para sua melhor compreensão, além de fazer uso de reforço positivo (MORAES, 2015, p. 193).

O autor cita a empatia como uma característica primordial do professor que irá trabalhar com o aluno autista, considerando que estes apresentam algumas desvantagens em seu desenvolvimento como: “não tem facilidade de contato com outras crianças, resistência a mudanças de rotina, pouco contato visual, movimentos e risos não apropriados, são resistentes ao toque” (SILVA, 2013, p.5). Assim, o autor destaca algumas ideias de trabalho com crianças autistas:

[...] para que essas crianças apresentem um melhor desenvolvimento, podem ser aplicadas brincadeiras afetivas (sorrir, massagens, olhar, estimular o toque com almofadas, lençóis, e plumas, conversar); brincadeiras frente ao espelho, (fazer caretas, brincar de abaixar e levantar observando no espelho, sorrir); brincar de balinhas de sabão; brincadeiras corporais (brincar de fazer cocegas, abraçar, de pegar, esconder); brincar com música e brincadeiras cantadas (dramatizando a música com o corpo, dançar, pular e interagir); brincar com massinha, tinta e argila (deixar a criança explorar para que perceba as sensações); brincadeiras com balões (jogar, iniciando consignas simples como não poder deixar cair no chão, com música encher os balões); jogos (quando a criança já está inserida numa rotina pode se usar os jogos, lembrando que sempre respeitar as particularidades da criança e o nível do desenvolvimento que ela se encontra) (SILVA, 2013, p. 5).

Assim, a ludicidade com crianças autistas na educação infantil pode ser utilizada didaticamente de diversas maneiras, cabendo ao profissional da educação direcionar seu trabalho sempre focado no desenvolvimento sociocultural, cognitivo e emocional do seu alunado, realizando naturalmente sua inclusão escolar e social, entendendo suas peculiaridades e necessidades especiais.

3 CONCLUSÃO

Diante de todo exposto, pode-se considerar que a educação inclusiva visa contribuir a um processo muito abrangente, o qual se determina pela aprendizagem da criança com necessidades especiais, considerando diversos pontos importantes neste processo, como a formação dos educadores e professores e a prática de políticas públicas já existentes e outras que possam surgir dentro desta proposta.

Considerando um sistema de ensino regular preparado para lidar com alunos sem dificuldades de aprendizagem, os educadores precisam reconhecer

a singularidade de cada aluno dentro da ótica social, cultural, psicológica e de aprendizagem, possibilitando um trabalho focado que venha a contribuir com suas dificuldades específicas, não devendo jamais ser generalizada toda e qualquer dificuldade de aprendizagem. Assim se faz necessário uma formação abrangente onde os educadores estejam preparados para lidar com a diversidade de todos os alunos não unificando uma forma de trabalho para todos.

O trabalho lúdico realizado com os alunos portadores do autismo visa incluí-los socialmente no ambiente escolar, favorecendo o adequado processo de ensino e aprendizagem deste alunado, para tanto, a escola necessita de preparo, como também, estar em contato direto com a família deste alunado para que juntos possam alcançar êxito no trabalho realizado.

REFERÊNCIAS

- DIAS, E. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem na educação infantil. **Revista Educação e Linguagem**. Vol. 7, n^o 1. 2013. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2013/12/09/outros/2774a576f536917a99a29a6ec671de86.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2019.
- FERNANDES, S. Fundamentos para educação especial. 2^o Edição. Curitiba: Ibpex, 2011.
- GIL, A.C. Como elaborar métodos de pesquisa. 4^o Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2002
- LAMPRÉIA, C. Os Enfoques Cognitivista e Desenvolvimentista no Autismo: Uma Análise Preliminar. **Revista: Psicologia reflexão e crítica**, vol. 1, n. 17, p. 111-129, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n1/22311.pdf>>. Acesso em: 27 de novembro de 2019.
- MARTINS, J.; BICUDO, M.A. A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação Especial – SEESP. **Manual de Orientação: Programa de implantação de salas de recursos multifuncionais**. Brasília, 2010. Disponível em: http://www.oneesp.ufscar.br/orientacoes_srm_2010.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

MORAES, C.F.A. et al. Necessidades e reflexões do professor diante da inclusão de alunos com autismo. **Rev. Científica Eletrônica UNISEB**, Ribeirão Preto, v.5, n.5, p.184-199, jan./jun.2015. Disponível em: <http://estacioribeirao.com.br/revistacientifica/arquivos/revista5/14-PEDEAD.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2019.

PASTORELLO, M.C.; ANGELO, A.A.; TORRES, S.P. A importância da contação de histórias para o processo de alfabetização e na formação de leitores. **Revista Mediação**. Vol. 6, Fev-Jul-2015. UEMG. Disponível em: http://www.revistamediacao.com.br/repositorio/volume_06/a_importancia_da_contacao_de_historias_para_o_processo_de_alfabetizacao_e_na_formacao_de_leitores.pdf. Acesso em: 30 de novembro de 2019.

RIVIÉRE, A. O desenvolvimento e a educação da criança autista. COLL, C.; PALÁCIOS, J., MARCHESI, A. (Org.). **Desenvolvimento Psicológico e Educação. Necessidades Educativas Especiais e Aprendizagem Escolar**, v. 3, 1995.

SILVA, L.C. O autismo e o lúdico. **Revista de Ciências Sociais do Norte**, 2013. Disponível em: <http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/viewFile/81/pdf>. Acesso em: 03 de Maio de 2018.